

**EPISTEMOLOGIAS DO SUL: PERSPECTIVAS
INTERDISCIPLINARES DA HISTÓRIA DO PRESENTE
SOUTHERN EPISTEMOLOGIES: INTERDISCIPLINARY
PERSPECTIVES IN PRESENT HISTORY**

Alexandre Chiarelli¹
Juliana Fonseca da Silva Linhares²
Kellen Smak³

Resumo: O presente trabalho busca, por meio de um breve levantamento teórico e bibliográfico, refletir sobre as articulações entre o campo de estudo da Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), e das Epistemologias do Sul, a partir de um olhar da História do Presente. A inter-relação destas três vertentes objetiva, por meio da interdisciplinaridade, romper com a concepção tradicionalista e otimista da ciência e da tecnologia que foi construída a partir da perspectiva do Norte global. Compreende-se que essa tradição, inclusive na historiografia, advém de uma herança de perspectiva epistemológica hegemônica, mais notadamente europeia e norte americana. A concepção conservadora de ciência é percebida como produtora de conhecimento neutro e dogmático e conseqüentemente nega a relação existente entre a ciência e os aspectos sociais e culturais. Nesse mesmo sentido, observa-se que a concepção de colonialismo científico é muito mais ampla do que o processo de transferência/cópia de tecnologia uma vez que se faz presente em todo o campo científico. Isso faz com que pesquisadores latinos, em geral, estejam em constante disparidade em relação a pesquisadores de países hegemônicos, já que não é possível se enquadrar em métodos científicos que foram construídos por esses mesmos países e não se encaixam nos parâmetros econômicos, sociais e culturais dos países latino-americanos. Com isso, a construção de uma perspectiva epistemológica contra-hegemônica é fundamental para a produção de um conhecimento científico apropriado a essas realidades periféricas, negando um isomorfismo das políticas de ciência e tecnologia. Por fim, busca-se apresentar um caminho epistemológico possível por meio da articulação entre os estudos periféricos e a História do Presente. Entende-se que, por congrega a história oral e a valorização de conhecimentos tidos como não-tradicionais, a história do tempo presente constitui-se de uma alternativa possível para a afirmação do debate historiográfico e tradicional no âmbito de uma historiografia decolonial.

Palavras-chave: CTS. Epistemologias do Sul. História do Presente.

Abstract: The present work seeks, through a brief theoretical and bibliographic survey, to reflect on the articulations between the field of study of Science, Technology and Society (CTS), and the Epistemologies of the South, from a perspective of the History of the Present. The

¹ Doutorando em Tecnologia e Sociedade (UTFPR), Instituto Federal do Paraná (IFPR), alexandre.chiarelli@ifpr.edu.br

² Doutoranda em Tecnologia e Sociedade (UTFPR), Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), linhares.juliana@yahoo.com.br

³ Doutoranda em Tecnologia e Sociedade (UTFPR), Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), kellensmak@gmail.com

interrelation of these three strands aims, through interdisciplinarity, to break with the traditionalist and optimistic conception of science and technology that was built from the perspective of the global North. It is understood that this tradition, including in historiography, comes from a heritage of hegemonic epistemological perspective, most notably European and North American. The conservative conception of science is perceived as a producer of neutral and dogmatic knowledge and consequently denies the existing relationship between science and social and cultural aspects. In the same sense, it is observed that the concept of scientific colonialism is much broader than the process of technology transfer/copying, since it is present in the entire scientific field. This means that Latin researchers, in general, are in constant disparity in relation to researchers from hegemonic countries, since it is not possible to fit into scientific methods that were built by these same countries and do not fit into the economic, social and cultural parameters of Latin American countries. Thus, the construction of a counter-hegemonic epistemological perspective is fundamental for the production of scientific knowledge appropriate to these peripheral realities, denying an isomorphism of science and technology policies. Finally, we seek to present a possible epistemological path through the articulation between peripheral studies and the History of the Present. It is understood that, by bringing together oral history and the valorization of knowledge considered as non-traditional, the history of the present time constitutes a possible alternative for the affirmation of the historiographical and traditional debate within the scope of a decolonial historiography.

Keywords: STS. Southern Epistemologies. History of the Present.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho constitui-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico e que busca avaliar as articulações existentes entre as investigações em Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) e as chamadas Epistemologias do Sul, a partir do olhar da História do Presente.

Os estudos CTS buscam compreender a relação existente entre os aspectos sociais, a ciência e a tecnologia como três variáveis interdependentes e multiplamente influenciáveis e constituem-se de uma ruptura com a concepção tradicionalista e super otimista em relação à ciência e à tecnologia. Trata-se de um campo de estudos recente, interdisciplinar e que busca analisar e compreender tais relações a partir de uma perspectiva crítica, questionando a visão tradicional, linear e essencialista da ciência e da tecnologia. Sendo assim, o campo busca esclarecer as imbricações existentes entre os aspectos sociais, as mudanças científicas e tecnológicas e suas consequências socioambientais, políticas e econômicas. Nesse sentido, ciência e tecnologia não se constituem de atividades autônomas, mas sim de processos em que

elementos não-epistemológicos desempenham um papel decisivo na consolidação das ideias científicas e tecnológicas (BAZZO *et al*, 2003, p. 123).

A proposta das Epistemologias do Sul, embasada nas discussões de Boaventura de Sousa Santos (2007) e demais autores de perspectiva teórica decolonial, relaciona-se intimamente às discussões do campo CTS já que tal perspectiva epistemológica perpassa a necessidade de realizar uma ecologia de saberes, alinhando uma relação intrínseca entre conhecimento científico e saberes populares, evidenciando deste modo o uso de recursos educacionais, históricos, sociológicos, artísticos e outros, para fomentar a práxis dessa empreitada (SANTOS, 2007). As múltiplas correlações entre formas de conhecimento, ideias e saberes, portanto, configuram um espaço de estruturação de novas formas de diálogos internalizadas pela ciência aberta que oportuniza o estabelecimento de uma relação dialógica com outras formas de interpretação de mundo. O principal objetivo dessa concepção é o de buscar romper com dois aspectos: o tecnicismo enraizado na ciência e na tecnologia, e a desvalorização dos conhecimentos e saberes tradicionais nas discussões acadêmicas.

Já a História do Presente pode ser tida como alternativa para a compreensão das estruturas sociais da ecologia dos saberes a partir de um olhar interdisciplinar que parte da análise do passado recente, associado ao passado atual composto por processos históricos inacabados.

O processo metodológico deste trabalho possui natureza exploratória já que busca compreender, a partir do campo CTS e da História do Presente, a relevância das Epistemologias do Sul e apresenta as suas características a partir da concepção da ecologia dos saberes (SANTOS, 2007), assim como tem a intenção de fortalecer esse posicionamento como uma resposta para o sistema de controle e exploração social traçado a partir do sistema fabril, que foi aperfeiçoado posteriormente.

Trata-se de pesquisa teórica de caráter qualitativo desenvolvida por meio de revisão bibliográfica e busca compreender as perspectivas do campo de estudos interdisciplinar, marcadamente a partir das epistemologias do sul,

sob o viés da História do Tempo Presente, sobretudo como um caminho epistemológico e interpretativo interdisciplinar possível para as humanidades e suas correlações com o campo de estudos CTS.

2 EPISTEMOLOGIAS DO SUL: ECOS ANTIGOS COMO RESPOSTA ATUAL

Conforme mencionado na introdução do artigo, a discussão das epistemologias do sul será direcionada para um diálogo com a perspectiva CTS, uma corrente originária “dos finais dos anos 1960 e princípios dos anos 1970, os estudos CTS [...] refletem no âmbito acadêmico e educativo essa nova percepção da ciência e da tecnologia e de suas relações com a sociedade” (BAZZO *et al*, 2003, p. 125), colocando sob a luz das discussões um diálogo interdisciplinar na busca de uma constatação ampla frente às problemáticas da sociedade contemporânea.

Identificando, no parágrafo anterior, uma definição do campo CTS por meio das considerações de Bazzo *et al* (2003), compreende-se que essa perspectiva tem fundamental importância na leitura da sociedade atual, assim como dos motivos e processos que perpassam a estruturação do modelo de sociedade. Entretanto, o que se considera como modelo contemporâneo resulta de um período de assentamento de uma 4^o Revolução Industrial, um processo que perpassa da robótica, pela inteligência artificial, até a internet das coisas, todos elementos que permitem uma extensão de ações tecnológicas, as quais seriam consideradas respostas para uma série de problemas do mundo moderno, porém uma série de respostas podem encontrar um embasamento já existente, um embasamento local denominado por, ao qual Boaventura de Sousa Santos como Epistemologias do Sul, um conceito cunhado na década 1980, e, portanto, uma terminologia recente, porém advinda de muitas reflexões pregressas.

As Epistemologias do Sul constituem-se como:

proposta de expansão da imaginação política para lá da exaustão intelectual e política do Norte global, traduzida na incapacidade de enfrentar os desafios deste século, que ampliam as possibilidades de repensar o mundo a partir de saberes e práticas do Sul Global e desenham novos mapas onde cabe o que foi excluído por uma história de epistemicídio (SANTOS; ARAÚJO; BAUMGARTEN 2016, p.15).

A partir disso, pode-se iniciar um questionamento sobre o papel do conhecimento oriundo do sul epistemológico, quais suas capacidades, respostas e alocamento perante os desafios do tempo presente, em que essa concepção epistemológica evidencia uma proposta “insurgente, resistente, alternativa contra um projeto de dominação capitalista, colonialista e patriarcal” (SANTOS; ARAÚJO; BAUMGARTEN 2016, p.15). A superação desse desnível entre sul e norte encontra-se no conceito da inexistência de uma justiça global, a inexistência de um espaço onde os conhecimentos e experiências do norte e do sul sejam discutidos de maneira horizontal.

As colocações do norte epistemológico situam-se de maneira comum no campo das teorias dominantes, porém é importante questionarmos de que forma elas se tornam dominantes pois, antes disso, não existem fatos que evidenciem que essa proposta será hegemônica. Deste modo, o que podemos constatar é que até o assentamento de determinada teoria, existiu uma pluralidade de concepções prévias, o que evidencia uma pluralidade da ciência e tecnologia, e abre espaço para as discussões das Epistemologias do Sul, negando qualquer possibilidade de neutralidade da ciência ou de um determinismo tecnológico.

A pluralidade existente no campo científico apresenta uma concepção de pluralidade interna e externa (SANTOS, 2007), sendo o espaço interno caracterizado pelas diversas correntes científicas e tecnológicas, enquanto o espaço externo constitui de uma “pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico” (SANTOS, 2007, p.25), que não se constituem obrigatoriamente no interior do campo científico. Nesse espaço pode-se identificar os saberes populares, camponeses, ancestrais, urbanos ou novos.

Todos esses conjuntos de saberes têm seu valor no interior dos seus sistemas cotidianos, visto que orientam a vida da população que os construiu ou adotou.

Os saberes constituídos fora do campo científico, aos quais Santos (2007) denomina de populares, estão no campo da pluralidade externa de conhecimentos, e quando são analisados sob a ótica dos estudos pós-coloniais⁴, pode-se compreender de maneira mais enfática a ideia das Epistemologias do Sul. Entretanto, somente quando esses conhecimentos populares se interligam com os saberes científicos vislumbra-se uma pluralidade ampla, entre os conhecimentos internos da ciência e tecnologia, com os conhecimentos externos, caracterizando uma interligação que é o ponto chave do presente estudo.

As Epistemologias do Sul caracterizam-se como um conceito que visa ocupar fundamentalmente o campo das epistemologias, enquanto procedimentos conjuntos, elaborados e utilizados por grupos, coletivos e outros modelos de organização social, sendo que esses conhecimentos nasceram nas lutas sociais fora do campo científico, pois se constituem na pluralidade externa. Seus campos de nascimento são muito vastos, porém sempre se apresentam contrários às concepções hegemônicas de dominação capitalista, colonialista e patriarcal. Isto é, as epistemologias populares situam-se contra a dominação, opressão, sexismo, racismo, escravatura.

As colocações sobre o embate no campo científico não respondem plenamente aos motivos de porque o próprio conhecimento científico e tecnológico não se interligou com os saberes populares, porém essa resposta pode ser buscada no paradigma do saber hegeliano⁵, que indica que o conhecimento é formado por meio das lutas sociais; ou seja, o conhecimento

⁴ Os estudos Pós-Coloniais buscam romper com a definição de uma história única e linear, calcada nas concepções eurocêntricas, e apresentando que as relações de poder estão perpassando toda a construção do conhecimento (BALLESTRIN, 2013).

⁵ O paradigma de Hegel, compreende a existência de uma distinção no estágio de desenvolvimento das sociedades, o que resultaria nos grupos sociais viverem o mesmo tempo cronológico, porém viverem estágios distintos deste tempo. Boaventura exemplifica a leitura de Hegel, como "ser membro da humanidade histórica - isto é, estar deste lado da linha - significa ser um grego e não um bárbaro no século V a.C." (SANTOS, 2007, p. 24)

produzido advém da luta social. Na visão de Hegel, após o embate entre as diversas concepções que tentam se tornar o paradigma dominante, apenas uma delas será a vencedora, resultando assim que as demais concepções, que foram derrotadas no processo, sejam lentamente silenciadas, restando apenas uma visão dominante. Após a conclusão deste movimento não existe um motivo construído, na visão hegeliana, para negociar com os saberes populares, visto que este fica situado fora da pluralidade interna do universo científico.

Com um único paradigma dominante na relação do conhecimento, e tendo conhecimento que este está situado no campo acadêmico, passamos a ter a visão epistêmica divulgada pelo Norte, onde o conhecimento é contado por meio da história dos vencedores, lembrando que em muitos casos o vencedor não é necessariamente o melhor modelo, e sim aquele que melhor se adequou ao processo e aos valores. À exemplo disso, como elucidam Pinch e Bijker (1997), por meio do construtivismo social, o desenvolvimento de um objeto técnico (no caso estudado pelos pesquisadores, a bicicleta) nasceu com uma variedade de marcas e modelos, o que poderia resultar em um desenho muito diferente na estrutura atual desse objeto. Entretanto, a construção social aplicada pelos valores desencadeou o *design* atual. As colocações de Pinch e Bijker (1997) indicam que a inexistência de um determinismo nesses processos evidencia a existência de embates entre os grupos sociais na defesa dos seus valores.

Complementarmente a isso, é preciso reforçar que o “policionamento das fronteiras do conhecimento relevante é de longe mais decisivo do que as discussões sobre diferenças internas. Como consequência, um epistemicídio” (SANTOS, 2007, p.33), que resulta no impedimento da interligação entre a pluralidade de saberes, e encaminha um universo que tenta evitar questionamentos, o que seria o contrário ao mote questionador da ciência. Nesse ponto, resulta a importância das epistemologias do sul enquanto resultado de lutas sociais, pois nela se permite observar a existência e resistência de outras formas de conhecimento. Enfatizando, paralelamente a

isso, que as Epistemologias do Sul não são contra o processo científico e tecnológico, mas elas residem em um conjunto de técnicas que albergam uma outra pluralidade de conhecimento.

Nos parágrafos anteriores apresentamos brevemente uma visão sobre o conhecimento científico, porém também cabe questionar como as epistemologias do Sul observam a Ciência, e esse encaminhamento é fundamentado com a colocação de que a Ciência é extremamente importante, porém não “é a única forma de conhecimento válido e rigoroso” (SANTOS, 2007, p.26), e existem outros conhecimentos válidos para diferentes objetivos, aos quais Boaventura (2019, n.p.) argumenta, “se quero ir à Lua, preciso do conhecimento científico, se quero conhecer a biodiversidade amazônica, preciso do conhecimento indígena”.

A interligação entre os saberes científicos e populares, pode colaborar com a ampliação do conhecimento científico, e na melhoria do benefício social pelo conhecimento popular, evitando inclusive, o que Boaventura (2007) identifica como uma deriva para a anti-ciência ou anti-abissal. Uma congregação desses saberes pode ser exemplificada na luta contra os agrotóxicos, na qual o conhecimento científico pode colaborar através do embasamento biológico, químico e de outras áreas, enquanto o conhecimento dos camponeses e indígenas sobre o uso dos solos, dos herbicidas naturais e dos ciclos da natureza do local, podem dialogar em sintonia nesse processo. A essa congregação dos saberes, Boaventura denomina enquanto Ecologia de Saberes, “porque se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer a sua autonomia” (SANTOS, 2007, p.24).

Ao discutir essa interligação também enquanto uma luta dos componentes da sociedade, impede qualquer possibilidade de uma ideia relativista, pois incide na concepção de que essa organização dos conhecimentos pode colaborar na luta de construção de uma sociedade com equidade, sendo melhor para os seres humanos e não humanos.

O processo de congregação dos saberes científicos e populares perpassa todo um espaço social constituído politicamente, e aqui reside a necessidade de compreender também que essas relações não são neutras; no seu interior existe um conjunto de valores bastante variados. É neste conjunto de valores que ligados aos conceitos científicos dominantes, a partir do final do século XVIII e início do século XIX, passa a instrumentalizar a ciência para uso das classes dominantes, o que Thompson (1998) exemplifica por meio da disciplinarização do trabalho pelo uso do relógio na Revolução Industrial, onde o trabalhador camponês passou pela “transformação da orientação do tempo pelas tarefas, no trabalho do horário marcado” (1998, p. 272).

Essa separação entre o conhecimento científico e os saberes populares tornou-se cada vez mais enfática servindo aos interesses do liberalismo e do capitalismo, em que o projeto científico tornou-se uma força produtiva servindo às classes dominantes e criando uma tecnociência capitalista. Entretanto, é possível compreender por meio da discussão deste artigo, que existem alternativas e a sociedade pode direcionar-se para um novo mecanismo, estabelecendo uma reorientação tecnológica, cujo processo pode ser revisto e reorientado conforme novos valores.

As Epistemologias do sul em nosso tempo presente, constituem-se de uma alternativa de interligação com o saber científico, que pode colaborar para tirar da inércia ideias fora de sintonia no universo científico atual, como os conceitos positivistas e deterministas, que ainda persistem em estar no consciente coletivo do academicismo, que posteriormente dissemina essas orientações nos manuais que são adotados pelas instituições escolares, e pela opinião pública.

Tomando como referencial a discussão apresentada neste tópico do artigo, consideramos que as Epistemologias do Sul continuam sendo utilizadas pelas comunidades latino americanas, ganhando divulgação através dos estudos pós-coloniais, porém anteriormente a essa própria divulgação esses conhecimentos populares possuíam uma relevante dimensão social, política e econômica, visto que se estabilizaram enquanto técnica de vida, que

contribuíram e prevaleceram nos seus arranjos locais, e nestes espaços não existiu a necessidade do conhecimento científica para legitimar os conhecimentos populares, pois os saberes populares se validaram em sua própria existência, constituindo uma análise por vezes mais democrática e prudente das técnicas e tecnologias.

3 HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE: UM CAMINHO EPISTEMOLÓGICO POSSÍVEL

A perspectiva histórica do tempo presente apresenta-se como um instrumento para a compreensão da estrutura social da ecologia dos saberes, sobretudo no que se refere à definição da interdisciplinaridade como uma abordagem profícua para o desenvolvimento de estudos e pesquisas que partem do passado recente como objeto de estudo, associados ao passado atual ou em contínua atualização, em que os processos históricos são marcados por experiências ainda inacabadas (DELGADO, 2013).

De acordo com Lagrou (2007), o campo da História do Tempo Presente, não deve ser tomado a partir de um recorte temporal fechado mas precisa ser compreendido como um conjunto de acontecimentos em desenvolvimento, ou seja, a história dos vivos, já que “os estudos históricos são indissociáveis das práticas políticas e das questões identitárias” (LAGROU *in* PÔRTO, 2007, p. 45). A mesma perspectiva pode estar associada aos estudos da história oral, história das memórias e representações e, ainda, estudos interdisciplinares, cujo bojo é fundamental para a perspectiva da ecologia dos saberes. Isso porque tanto a história do presente quanto as interpretações interdisciplinares buscam a valorização dos saberes tradicionais, que por vezes são transmitidos apenas de forma oral, concebendo um ponto de imbricação entre os dois campos de estudo.

Nesse contexto, é importante considerar que, até muito recentemente, as discussões epistemológicas que estimularam as reflexões foram orientadas

por um contexto fortemente influenciado por questões políticas e econômicas de grupos hegemônicos que, de forma direta ou indireta, influenciam a construção dos saberes e a reprodução do conhecimento. Sendo assim, é possível afirmar que, em grande medida, tanto os modelos de desenvolvimento quanto os fundamentos epistemológicos que conduzem as produções brasileiras e, em geral, latino-americanas padecem com uma descontextualização que não pode ser ignorada, sobretudo nos campos de estudos interdisciplinares. Entende-se, nesta proposta, que as relações existentes entre o desenvolvimento e as possibilidades de reparação histórica para com as sociedades periféricas somente podem ser efetivas caso se parta de uma perspectiva epistemológica a partir do sul.

O Sul, ora mencionado, trata-se de uma construção metafórica enquanto área epistemológica sendo prenhe de seus desafios. Embora haja áreas de confluência com o sul geográfico (já que foi ao Sul do Equador onde houve o maior número de países em condição de submissão ao colonialismo europeu e não conseguiram alcançar os mesmos patamares de desenvolvimento do norte global), nessas regiões é possível encontrar “ilhas” de elites beneficiadas por relações de exploração, bem como nas regiões tidas como desenvolvidas, há grupos e classes que foram igualmente submetidos à sujeição e dominação patriarcal e colonial (destaque para mulheres, negros, trabalhadores precarizados).

Acosta (2016) afirma que uma cosmovisão que seja desvinculada de uma relação de dominação colonialista, incompatível com o pragmatismo cartesiano do ideal de desenvolvimento europeu, só é possível por meio da superação da relação de colonialidade, patriarcalismo e do racismo, fortemente enraizado nas estruturas sociais dos países periféricos.

Essa ênfase pela necessidade de um descolamento das concepções oriundas das nações de capitalismo avançado também é endossada por Varsavsky (1969), que enfatiza a necessidade de libertação de métodos e teorias desenvolvidos a partir da intelectualidade hegemônica do Norte, por meio do desenvolvimento de autonomia científica e intelectual, oportunizada

pelos estudos interdisciplinares, em que diferentes aspectos discutidos por especialistas nas diferentes áreas de atuação façam com que seja possível analisar todos os vieses que compõem um problema real de forma sistêmica. A crítica do autor ao cientificismo busca estabelecer uma abordagem acerca das problemáticas do campo científico a partir do olhar latinoamericano, lançando crítica sobre como ciência contemporânea pode ser entendida como uma ciência voltada para a produção de bens da indústria de massa, que ao mesmo tempo se adaptou às formas exigidas pelo sistema capitalista de produtividade quantitativa, em que os indicadores de qualidade são associados à alta produtividade acadêmica (VARSAVSKY, 1969). Isso faz com que os pesquisadores latinoamericanos encontrem-se em constante defasagem, já que não conseguem competir, em termos de pesquisa e produtividade, com cientistas de países do hemisfério norte. Tal ideia surge da dificuldade de se enquadrar aos métodos e moldes da ciência que foram construídos pelos países de capitalismo avançado, e não se encaixam nos parâmetros econômicos, sociais e culturais dos países periféricos, sendo necessária a busca por uma alternativa à hegemonia científica imposta que, no contexto dos países do sul global, pode ser oportunizada por meio da ecologia dos saberes.

A produção do conhecimento histórico, por sua vez, precisa ter o seu papel problematizado ao considerar as relações centro-periferia, cumprindo com a função de repensar as representações advindas desses grupos marginalizados dentro da historiografia. Esse processo contribui para que a hierarquização de saberes seja repensada, proporcionando a produção de uma historiografia que considere a própria perspectiva de representação histórica.

O enraizamento do eurocentrismo influencia de forma bastante significativa as percepções de mundo e, conseqüentemente, a produção das significações e da historicidade de determinados grupos. Entende-se, portanto, que uma abordagem crítica ao eurocentrismo constitui-se de condição fundamental para a produção de uma historiografia que considere as relações entre o local e o global.

A historiografia brasileira, e latino-americana, herdeira da tradição europeia localmente apropriada, em grande medida, não contempla as discussões que envolvem as relações entre centro e periferia. Por essa razão, a produção do conhecimento histórico sobre as tradições periféricas é muito limitada. Na concepção de Seth (2021) aprende-se, desde muito cedo, que gregos e romanos e, posteriormente, os renascentistas, foram os responsáveis pelo registro e produção de historiografia. Isso acabou por gerar um privilégio epistêmico dos europeus sobre as demais tradições historiográficas pelo mundo, caracterizando uma produção a partir de um viés eurocêntrico.

Como eurocentrismo entende-se a relevância de uma concepção europeia que exerce influência nas questões sociais, políticas, culturais e, conseqüentemente, nas epistemologias. Tal ingerência na historiografia brasileira reflete-se, por exemplo, nas narrativas de produção do conhecimento histórico acerca dos povos indígenas. Ao partir de uma visão orientada pelo “centro”, são desconsideradas as narrativas de grupos subalternizados (indígenas, negros), em grande parte devido à escassez fontes disponíveis para pesquisa, uma vez que a narrativa histórica e a historiografia de grupos não-europeus, foi construída a partir dos registros dos próprios europeus que acabaram por considerar as tradições orais de povos indígenas insuficientemente qualificadas para figurarem na historiografia produzida à época colonial (SANTOS; NICODEMO; PEREIRA, 2017). Isso fez com que os primeiros registros acerca das culturas não-europeias fossem, justamente, fontes advindas de cronistas europeus, o que acabou por gerar um paradoxo historiográfico que perpassou as construções narrativas sobre o passado desses povos indígenas, engendrando um privilégio epistêmico (SETH, 2013) na representação europeia sobre o passado de outras tradições.

A produção disciplinar do conhecimento acaba por gerar lacunas interpretativas e epistemológicas acerca das interações existentes entre as tradições ocidentais e não ocidentais da historiografia. A presença do eurocentrismo no pensamento ocidental exerce forte influência sobre as visões

de mundo e descredibiliza outras formas de saber ao estabelecer uma hierarquia sobre eles. A relevância da compreensão das forças que influenciam o processo de globalização é ponto fulcral para que seja possível considerar a multiplicidade de perspectivas e, ainda, considerar formas de resistência à produção do conhecimento historiográfico colonizado. Essa tomada de consciência é fundamental para a superação da noção de que o conhecimento foi gestado da Europa e transmitido ao restante do mundo de forma passiva e integral. Para Godoy (2018, p. 219),

Dominação mundial ou colonial, em qualquer forma implica em considerável perigo, bem como possíveis benefícios para o trabalho intelectual, não tanto nas ciências, como nas humanidades, em que o critério de “verdade” é menos definido. No presente caso, o Ocidente pressupõe uma superioridade (o que obviamente aconteceu em algumas esferas desde o século XIX) e projeta essa superioridade para o passado, criando uma história teleológica. O problema para o resto do mundo é que tais crenças são usadas para justificar o modo como os “outros” são tratados, uma vez que “outros” são vistos como estáticos, ou seja, incapazes de mudança sem a ajuda de fora.

Sendo assim, a pretensa construção de uma história globalizada compreende, de maneira inerente, a superação da naturalização interpretativa das metodologias, conceitos e epistemologias gestados na tradição europeia.

Os debates historiográficos brasileiros acerca do eurocentrismo são, ainda, muito incipientes, mas entende-se que eles podem contribuir sobremaneira para o avanço na construção de uma historiografia a partir do sul. Considera-se a interlocução do saber histórico com outras perspectivas, portanto, como parte fundamental da construção de uma epistemologia das subalternidades que interprete, de maneira crítica, o eurocentrismo arraigado nas narrativas históricas.

Um caminho epistemológico possível, crítico das concepções eurocêntricas de historiografia, pode ser traçado a partir da concepção histórica do presente. Ao congregar a história oral e conceder visibilidade às concepções historiográficas tidas como marginais, essa perspectiva pode conceder maior relevância às tradições e saberes, subvertendo-se a lógica epistemológica hegemônica e herdada da tradição europeia.

A oralidade, que aciona a memória para a seleção das narrativas e significados de sujeitos e contextos, marcam as significâncias da concepção coletiva de tempo presente. Isso acaba por estimular as práticas sociais, incluindo-se as percepções, lembranças (ou ausência delas) e silenciamentos que encorajam as articulações entre as perspectivas de passado, presente e futuro. Sendo assim, tal prisma interpretativo, parte de um pressuposto interdisciplinar de produção de conhecimento histórico já que compreende as perspectivas de pluralidade e as construções dialógicas da memória. Essa perspectiva está relacionada à premência da necessidade de compreensão das múltiplas percepções acerca do passado, entre todas as possíveis, valorizando todas as formas de conhecimento histórico desassociado de uma hierarquia civilizacional que pressupõe o privilégio epistêmico que, por sua vez, desconsidera outras formas de representação do passado (SETH, 2013).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As concepções de neutralidade e imparcialidade presentes na ciência ainda fazem parte do senso comum na sociedade contemporânea. Essa concepção dogmática dificulta a problematização de que tanto a ciência quanto a tecnologia estão permeadas por concepções políticas, sociais e econômicas. Observa-se que compreender a ciência e tecnologia como não-neutras e permeada por valores sociais, culturais e econômicos, nos permite entender diversas relações de poder existentes na produção desses conhecimentos/sistemas.

Tais questionamentos são frequentemente discutidos pelo campo de estudo CTS que busca, por meio do olhar crítico, desmistificar as concepções positivistas que permanecem impregnadas nas correntes teóricas contemporâneas. Se partirmos do pressuposto de que as tecnologias não são neutras, elas possuem valores, podemos então concluir que os valores a elas atribuídos, são aqueles que refletem a nossa sociedade atual. Mies e Shiva

(2014) observam que os sistemas econômicos influenciam os sistemas políticos e são refletidos como valores sociais e culturais, uma economia de mercado, cria uma sociedade de mercado. Boaventura (2020) ao refletir sobre o neoliberalismo, observa que desde a década de 1980, vivemos uma crise constante que legitima a concentração de riquezas e impossibilita as medidas eficazes para conter as catástrofes ecológicas.

Vivemos em uma sociedade que reflete a lógica de subalternidade a sistema econômico vigente que perpassa as relações econômicas e se sobrepõem a todas as esferas da vida cotidiana. Em uma sociedade de mercado/consumo, tanto a ciência, quanto a tecnologia se tornam mercadorias de produção de massa, e com isso, refletem os interesses hegemônicos dos países desenvolvidos. De acordo com Frigotto (2007), o Brasil é um dos países mais desiguais do mundo – com problemas estruturais e históricos tais como concentração de terra e renda, manutenção de latifúndios, isenção de impostos para grandes fortunas, sistema financeiro precário entre outros fatores relevantes. Ele ainda reforça que essas disparidades são sustentadas por meio da relação de subalternidade de países de capitalismo dependente e reforçadas pela existência de um sistema educacional que objetiva unicamente o fornecimento de mão de obra trabalhadora, o que acaba por manter o ciclo exploratório do qual depende o sistema de dependência.

Essa relação reflete-se também na produção acadêmica desses países. Fortemente influenciados e herdeiros de tradições europeias, os pesquisadores latinos se encontram em constante desvantagem produtiva. Essa desvantagem surge da dificuldade de se enquadrar os métodos da ciência que foram construídos pelos países desenvolvidos e, portanto, não se enquadram aos parâmetros econômicos, sociais e culturais dos países latino-americanos. Floriani (2016, p. 183) observa que toda a nossa formação, desde a escola primária “se remete a essa epistemologia do Norte”, o que reforça a ideia de que as produções latinoamericanas partem de uma base epistemológica essencialmente europeia e norte-americana.

Sendo assim, um caminho possível para a superação da colonialidade epistemológica é a discussão embasada nas Epistemologias do sul e na ecologia de saberes. A interrelação entre os saberes científicos e populares, a partir de uma concepção subalterna de compreensão de mundo, pode colaborar para construir uma nova perspectiva epistemológica capaz de superar o positivismo e o determinismo presentes no senso comum, mas também na academia.

Apontamos, por fim, a discussão e produção historiográfica que parta do tempo presente como uma epistemologia possível capaz de contribuir com essa perspectiva. A crítica à tradição historiográfica eurocêntrica deve ser feita a partir de uma discussão apropriada localmente e que deve dar visibilidade às perspectivas marginais, saberes tradicionais e memória social.

A construção de narrativas a partir da história do tempo presente estimula a reconstrução de práticas sociais a partir da memória a partir de uma perspectiva interdisciplinar e plural de produção de conhecimento histórico, uma vez que compreende o dialogismo próprio da memória e da oralidade. Alinhado a isso, a compreensão das múltiplas percepções acerca do passado articulada a superação da hierarquia civilizacional e de saberes pode contribuir para a superação do privilégio epistêmico que acaba por desconsiderar as diversas formas de representação do passado (SETH, 2013)

Isto posto, as relações de exploração e dependência ainda permeiam os países periféricos e essa relação de dependência está tão presente em nosso cotidiano e acaba sendo naturalizada. Assim como a América foi colonizada, tudo aquilo que constitui o nosso Ser, como por exemplo a forma como pensamos, também passou por um processo de colonização. Pensar alternativas para romper com essas amarras que se constituem desde o campo abstrato até o campo físico, são mais do que necessárias em nosso contexto atual. Todas as tentativas de buscar esse processo de descolonização são válidas, da educação às manifestações públicas, passando pelo campo da pesquisa científica, e na divulgação tecnológica, todos os campos apresentam sua necessidade de importância no processo de descolonização.

Sendo assim, conforme buscamos refletir no presente trabalho, a articulação de saberes e as múltiplas perspectivas de compreensão do próprio passado recente são pontos possíveis e sensíveis no processo de construção de uma perspectiva interdisciplinar para as humanidades e para a articulação entre a produção do conhecimento científico e as realidades sociais subalternas.

5 REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Editora Elefante. Editora Autonomia Literária, 1996.

BALLESTRIN, L. **América Latina e o giro decolonial**. Revista Brasileira de Ciência Política, n.11, Brasília, 2013. p. 89–117. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/2069>>

BAZZO, Walter A.; LINSINGEN, Irlan von; PEREIRA, Luiz T. V. O que é ciência, tecnologia e sociedade? In: _____. **Introdução aos estudos CTS: ciência, tecnologia e sociedade**. Espanha: OEI, 2003. p. 119-156 (Cadernos de Ibero-América).

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves, FERREIRA, Marieta de Moraes: **História do Tempo Presente e ensino de História**. Revista História Hoje, v. 2, nº 4, p. 19-34 - 2013

FLORIANI, Dimas. Desafios epistemológicos para o pensamento socioambiental contemporâneo: a produção do conhecimento institucional e sua relação com os demais saberes e práticas. **Revista Guaju**, 2016.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Fundamentos científicos e técnicos da relação trabalho e educação no Brasil de hoje. In: LIMA, Julio Cesar França; NEVES, Lucia Maria Wanderley. **Fundamentos da Educação Escolar do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Fiocruz/EPSJV, 2007, p. 241-287

GODOY, Jack. **O roubo da história**: Como os europeus se apropriaram das ideias e invenções do Oriente. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

LAGROU, Pieter: Sobre a atualidade da História do Tempo Presente. *in* PÔRTO Jr. Gilson: **História do tempo presente**. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

MIES, Maria; SHIVA, Vandana. **Ecofeminismo: Teoría, crítica y perspectivas**. Barcelona: Icaria Editorial, 2014.

PINCH, J. T.; BIJKER, W. E. **The Social Construction of Facts and Artifacts: Or How the Sociology of Science and the Sociology of Technology Might Benefit Each Other**. In: BIJKER, W. E.; HUGHES, T. P.; PINCH, J. T. *The Social Construction of Technological systems: New Directions in the Sociology and History of Technology*. 6. ed. MIT Press, p. 11-44, 1997. Disponível em: <<https://bibliodarq.files.wordpress.com/2015/09/bijker-w-the-social-construction-of-technological-systems.pdf>>

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, S.A., 2020. Disponível em: <<https://www.cidadessaudaveis.org.br/cepedoc/wp-content/uploads/2020/04/Livro-Boaventura-A-pedagogia-do-virus.pdf>>

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estudos**. CEBRAP, ed.79, 2007, p.71-94. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004>> Acessado em 14 mar. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa; ARAÚJO, Sara; BAUMGARTEN, Maíra. **As Epistemologias do Sul num mundo fora do mapa**. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 18, N° 43, set/dez. 2016, p. 14-23. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/soc/a/Y3Fh6D3ywMCFym4wMFVdzsq/?format=pdf&lang=pt>> Acessado em 14 mar. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Ecologia de Saberes**. Entrevista concedida a Ana Paula Acauan. *Revista da PUCRS*, Porto Alegre, volume do exemplar, n. 191, julho/setembro, 2019. Disponível em: <<https://www.pucrs.br/revista/ecologia-de-saberes/>>

SANTOS, Pedro Afonso Cristovão dos, NICODEMO, Thiago Lima e PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. Historiografias periféricas em perspectiva global ou transnacional: eurocentrismo em questão. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro) [online]. 2017, v. 30, n. 60 [Acessado 4 abril 2022], pp. 161-186. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S2178-14942017000100009>>

SETH, Sanjay. **Beyond Reason: Postcolonial theory and the Social Studies**. New York: Oxford University Press, 2021.

SETH, Sanjay. Razão ou Raciocínio? Clio ou Shiva? **História da historiografia**, Ouro Preto, n. 11, abril 2013, p. 173-189.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

VARSAVSKY, Oscar. **Ciencia, Política y Cientificismo**. Centro Editor de América Latina, 1969.

Enviado em: 15/04/2022

Aceito em: 09/06/22

Editor-Chefe Prof. Dr. Antonio Marcio Haliski

Editor-Adjunto Prof^a Dr.^a Gislaine Garcia de Faria

Editor-Adjunto Prof^a Dr.^a Maria Lúcia Buher Machado

